

A propósito de Frederico Lourenço, Prémio Pessoa 2016

João Diogo R.P.G. Loureiro*

1. O meu primeiro encontro com Frederico Lourenço (FL, doravante) teve o seu quê de embaraçoso. FL tinha então acabado de vir para Coimbra, onde começou a leccionar nesse ano lectivo (2009/2010). Na tradicional recepção organizada pelo Instituto de Estudos Clássicos aos primeiranistas, eu e a minha colega de licenciatura (que viria depois a ser orientanda de FL) fomos ter com o recém-chegado e lançámos-lhe o nosso desavergonhado convite: que fosse o orador *sobresselente* numa das sessões de uma série de tertúlias dedicadas aos filósofos pré-socráticos que estávamos a organizar. Não sei já quem nos sugeriu o nome de FL, porventura alguém consciente do afecto deste por Empédocles¹ (ser-me-ia mais tarde revelado que ele chegara a pensar em traduzir o poema do filósofo, tendo depois desistido do projecto) — em qualquer caso, FL, para nós, era, na altura, alguém que criámos capaz de tudo. Nesse mesmo ano, eu e a Sophia acabámos por o ter como professor, num período em que FL atravessou o que o próprio qualifica de a pior crise da sua vida,² após

a morte do pai. Ainda chegámos mais tarde a convidá-lo para outra actividade nossa (um ciclo de cinema de tema clássico), mas ele, cortesmente (como é seu apanágio: FL é um gentil-homem), mas também com o desassombro que o assiste, senhor que é de opiniões vincadas e gostos obsessivos, declinou, confessando-nos que, não obstante o seu passado como colaborador da Cinemateca,³ tinha hoje o cinema por uma arte desinteressante (e, de facto, nas suas crónicas, onde fala de poesia, literatura, teatro, dança, música e ópera, estranha-se a ausência do cinema, a que alude apenas episodicamente).

Frederico Maria Bio Lourenço nasceu em Lisboa em 1963. Filho de Manuela Lourenço (1937-1998) e M. S. Lourenço (1936-2009) — poeta, professor e pensador, tradutor de Wittgenstein (filósofo também admirado pelo filho, que abre *O lugar supraceleste* com uma epígrafe retirada do *Livro azul*), colaborador de *O tempo e o modo* —, FL passou a sua infância em Oxford. Perfeitamente bilingue, tem no inglês a sua língua⁴: o próprio romance que o tornaria famoso, *Pode um desejo imenso*, começou originalmente a ser redigido em inglês.⁵ Educado num ambiente impregnado de cultura (o seu peluche de infância, um pinguim, tinha o nome de Platão⁶ e aos onze anos já tinha lido os poemas homéricos⁷), cedo empurrado para a música,⁸ após ter feito o liceu como aluno autoproposto,⁹ ingressou no curso superior de piano no Conservatório Nacional. Foi, de facto, como

³ *O lugar...*, 52. Vd. também, sobre a relação de FL com o cinema, *A máquina...*, 54.

⁴ «A língua inglesa», in *O lugar...*, 193-196.

⁵ *Pode um desejo imenso*, Cotovia, Lisboa, 2006, 462-4.

⁶ *O lugar...*, 44.

⁷ *Amar não acaba*, Cotovia, Lisboa, 2004, 111.

⁸ *Amar não acaba*, 74-75.

⁹ *Amar não acaba*, 109-110.

* Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Universidade de Coimbra.

¹ Cf. Frederico Lourenço, *A máquina do arcanjo*, Cotovia, Lisboa, 2006, 69, e «Encontrar o Todo», in *O lugar supraceleste*, Cotovia, Lisboa, 2015, 172-4. Salvo indicação em contrário, todas as obras a que aludimos em nota são de FL.

² *O lugar...*, 60.

pianista que auferiu o seu primeiro salário, na qualidade de acompanhador na Companhia Nacional de Bailado.¹⁰ Acabaria, porém, por abandonar a música, após uma tumultuosa relação, eventos que constituem a matéria do volume autobiográfico *A máquina do arcanjo* (2006). Mais tarde (1997/98), voltaria a ingressar na agora Escola Superior de Música de Lisboa como aluno de canto, curso, também este, que interrompeu, mudando para cravo, formação que completou com supremo agrado.¹¹

De onde vem, então, o Frederico Lourenço helenista conhecido do grande público? Há que recuar a 1984, talvez o ano charneira na vida de FL. Nesse ano, em que o futuro se anunciava na compra na Feira do Livro de Lisboa da edição grega do Novo Testamento,¹² FL, tomada a decisão de desistir do curso de piano, atacou o grego e o latim, procurando em seis meses aprender o programa de três anos, por forma a poder fazer os exames nacionais respectivos e concorrer à licenciatura de Línguas e Literaturas Clássicas. Na opção por Clássicas pesou determinantemente Sophia - em particular uma das obras maiores desta, *Geografia*¹³ -, e a antologia de poesia grega de M. Yourcenar, *La couronne et la lyre*.¹⁴ FL viria, nesse mesmo ano de 1984, a tomar chá com Sophia,¹⁵ a receber uma carta de Yourcenar - e a visitar, mochila às costas, a Grécia, o país eterno.¹⁶ Apesar do entusiasmo com que ingressou em Clássicas, finda a licenciatura,

¹⁰ *Amar não acaba*, 83.

¹¹ «Público e privado», in *O lugar...*, 217-219.

¹² *O livro aberto*, Cotovia, Lisboa, 2015, 109.

¹³ *A máquina...*, 94-5. Sábio foi quem escolheu FL para escrever o prefácio de *Geografia* na reedição em curso da obra lírica de Sophia, sob a chancela da Assírio & Alvim.

¹⁴ *A máquina...*, 88.

¹⁵ *Amar não acaba*, 110.

¹⁶ *O lugar...*, 249.

ra, FL parecia decidido a não enveredar pela carreira académica;¹⁷ acabaria, contudo, por avançar para mestrado e doutoramento. De tudo quanto produziu nesse âmbito, a sua tese de doutoramento continua a ser aquilo de que mais se orgulha, até mais do que das suas traduções de Homero (a fazer fé no que nos sussurrou uma amiga). Para além do trabalho (não só científico, mas também de divulgação) realizado na área das Clássicas, convém recordar o que FL tem contribuído para o campo dos Estudos Artísticos (onde sobressai a sua obra sobre a estética da dança clássica), da Germanística e dos Estudos Bizantinos.

A tentação de abandonar a vida académica haveria, contudo, de visitar FL mais algumas vezes (ele mesmo se define como «um helenista que, ciclicamente, se sente sufocado pela filologia clássica»¹⁸), o autor sonhando com uma carreira de escritor.¹⁹ Após várias falsas partidas,²⁰ em 2002 dá à estampa *Pode um desejo imenso*, romance com que ganha o Prémio PEN Clube, o primeiro da trilogia homónima, publicada em 2006 num só volume e que valeu ao autor o Prémio Europa-David Mourão Ferreira. Não é este o espaço para analisar criticamente a ficção lourenciana, tarefa a que, de resto, outros, mais dotados do que nós, já se dedicaram.²¹ Limitamo-nos a destacar dois dos seus traços evidentes: por um lado, o seu humor *deadpan* (é frequente soltarmos gargalhadas ao ler FL);²² por ou-

¹⁷ «Afinal não era nada disto», in *O lugar...*, 163-166.

¹⁸ *Pode um...*, 459.

¹⁹ Não se exagere, porém, a tensão entre estas duas vertentes; lembremos o que o próprio escreve em *Pode um...*, 473: «É graças à minha formação clássica que escrevo da maneira que escrevo, mas acima do helenista Frederico Lourenço está o cultor da língua portuguesa - autor de literatura portuguesa - em que, graças ao facto de ser helenista, ele se transformou».

²⁰ «Escrever», in *O lugar...*, 50-53.

²¹ *Vd.*, por todos, Eunice Ribeiro, *Escritas metamórficas. Sobre a ficção de Frederico Lourenço*, Cotovia, Lisboa, 2008.

²² Cf. *O lugar...*, 52, e *Pode um...*, 461.

tro, a natureza tendencialmente autobiográfica da sua escrita, assumida esta a forma da ficção, da memória ou da crónica, no que revela fortemente a influência de certos modelos por ele explicitamente evocados, como Anthony Powell ou Proust²³ (com razão classificou Alexandra Lucas Coelho como «uma pequena pérola proustiana» *Amar não acaba*, porventura o nosso título favorito de FL).

2. Cremos, porém, que, no futuro, FL será lembrado sobretudo pela sua actividade de tradução, convicção partilhada pelo júri do Prémio Pessoa. Não se traduz impunemente os três monumentos maiores da língua grega. O lançamento da *Odisseia* e da *Ilíada*, respectivamente em 2003 e 2005, significaram, para toda uma nova geração de classicistas então em formação, um muito necessário alijar do fardo que constituía uma certa memória académica bordada a nomes transmitidos de geração em geração: socorridos pelo nosso Hércules, sentíamos-nos como Atlas, desembaraçados do dever de sustentar um céu de deuses e livres para colher as maçãs douradas mais elevadas²⁴ (não por acaso um amigo nosso, uma vez em que FL veio dar uma conferência a Coimbra, ao vê-lo entrar no auditório, exclamou: «olha, o deus!»). Para além de em muito terem facilitado os trabalhos de casa da cadeira de Grego V, as traduções de FL devolveram os poemas de Homero ao público português letrado, que não tinha, até então, como, de forma fiável, ler na nossa língua os dois textos que foram os pés sobre os quais se ergueu toda a tradição literária do Ocidente. A qualidade superior do labor de FL foi de imediato reconhecida, tendo o autor sido com justiça galardoado

²³ «Expór-me», in *O lugar...*, 222-225.

²⁴ «Sozinha, a doce maçã enrubesce no alto ramo,/ alto, altíssimo, pois esqueceram-na os apanhadores da maçã./ Na verdade, não a esqueceram: não conseguiram foi lá chegar.»: Safo, fr. 105a PLF, na tradução de FL: *Poesia grega*, Cotovia, Lisboa, 2006, 42.

com o Prémio Dom Dinis (2003) (prémio que o pai, M.S. Lourenço, havia também recebido) e o Grande Prémio de Tradução Literária (2006).

Ainda no domínio da literatura clássica, há que destacar o volume *Poesia grega de Alcman a Teócrito* (2006), uma importante selecção pessoal de lírica grega arcaica (excepção feita a Teócrito). A maioria dos poemas incluídos acha-se aí pela primeira vez em português, facultando o acesso a um *corpus* cujo estado em larga medida fragmentário apenas estonteia mais o leitor, como o raio de Zeus na noite, abrupta golfada de luz. Apesar do evidente valor da antologia, pessoalmente teríamos preferido que FL se tivesse concentrado sobre um só autor, autor, de resto, por ele sabidamente amado: Píndaro, cuja obra continua por traduzir na íntegra. FL aventurou-se ainda na tragédia, tendo vertido, no começo da sua carreira como helenista, o *Hipólito* (1993) e o *Íon* (1994). A tradução da primeira das peças foi integralmente revista em 2010, aquando da encenação da mesma por Carlos Jesus para o Thíasos, espectáculo em que o autor pôde confirmar a pertinência teatral das suas correcções. A questão da adequação cénica do texto pesaria de tal modo na sua tradução de outro clássico, o *Filoctetes* de Sófocles (2006), que FL apresentou a sua versão - resposta a um pedido de Luís Miguel Cintra, que levou a tragédia à cena com a recém-defunta Cornucópia - como uma «recriação poética»,²⁵ termo de que se havia já servido, talvez com exagero de escrúpulo, para catalogar a *Medeia* de Sophia, que prefaciou. A mesma designação aplicou, com maior pertinência, ao seu próprio *Don Carlos*, de Schiller — e esta é outra faceta de FL que merece ser sublinhada: a tradução de textos de alguns

²⁵ «Logo à partida disse ao Luís Miguel que não faria uma tradução académica, “certinha”, como se fosse para tirar 20 valores num exame de Grego»: *Sófocles. Filoctetes*, Cotovia, Lisboa, 2006, 88.

dos maiores autores de língua alemã (catálogo a que, esperamos, se venha um dia a juntar *O mundo como vontade e representação* de Schopenhauer, porventura o seu filósofo dilecto).

Como se tudo isto não bastasse, FL abalçou-se agora, como é do conhecimento geral, à demorada empresa de traduzir o Novo Testamento e a *Septuaginta*, a chamada Bíblia dos Setenta, obra que se exigia pelo menos por duas razões: (i) a tradução para grego dos livros do Antigo Testamento introduziu certas diferenças em relação ao original que densificam a mensagem do texto de partida (leia-se, a título de exemplo, Bento XVI-Francisco, *Lumen fidei* §23), diferenças essas a que as bíblias actualmente em circulação não permitem ter acesso, porque vertidas do hebraico, e (ii) continuavam inéditos em português escritos que, noutras igrejas, são tidos por canónicos (e.g. o terceiro livro dos Macabeus, reconhecido pelos ortodoxos): o ímpeto ecuménico reclama, pois, que os conheçamos. Suspeitamos que o Prémio Pessoa foi atribuído em 2016 a FL muito na sequência do aparecimento do primeiro volume deste seu novo projecto. Não esboçaremos aqui uma tentativa de comentário da tradução, havendo já em perspectiva na revista um artigo a isso dedicado; partilharemos apenas a nossa convicção de que a Bíblia que FL nos oferece é mais proveitosamente entendida não tanto nos termos em que foi anunciada mas mais como a Bíblia tal-qual qualquer um dos gregos, pagãos, e cultos, a quem São Paulo, no Areópago, se dirigiu a compreenderia.

Mais do que os méritos e vícios de tradução da Bíblia oferecida por FL, interessa-nos a *teoria* da tradução subjacente ao seu trabalho na área como um todo. Percebe-se, pela leitura dos prefácios do autor, que este desposa um *entendimento* algo pobre da empresa tradutiva: fazendo uso de uma terminologia entretanto secundarizada nos estudos de tradução, FL representa-se como alguém que se atém rigorosamente à letra do texto, apregoando a «fidelidade»

(conceito com o seu quê de nebuloso) das suas versões,²⁶ parecendo ter pouca tolerância para a diversidade de soluções legítimas que um mesmo passo no grego pode suscitar e subscrevendo a perspectiva clássica, mas injusta, de que o texto traduzido é sempre inferior ao original.²⁷ A nosso ver, muitos dos equívocos que se geraram aquando da publicação do primeiro volume da Bíblia de FL têm que ver sobretudo com esta abordagem ao mester do tradutor, uma abordagem algo ingénua, mas a mais difundida também junto do público e da crítica, que por isso não soube deslocar o debate para outros termos.

3.1. Sendo a *Brotéria* uma revista assumidamente católica, seria estranho não rematar esta breve nota em torno de FL com algumas considerações sobre a relação deste com o cristianismo. Tendo embora um avô materno convictamente ateu²⁸ e um bisavô vigorosamente anti-clerical, a ponto de não dar à filha o nome de Maria,²⁹ FL foi educado como católico, tendo João Bénard da Costa (também ele Prémio Pessoa) por padrinho. O percurso espiritual de FL conheceu um precoce interlúdio hindu, sob a influência da leitura, aos onze anos, do livro *Bhagavad-Gītā as It Is*, de Bhaktivedanta Swami Prabhupada, o fundador do famoso Movimento Hare Krishna,

²⁶ Assim, por exemplo, a *Odisseia* é apresentada como «vertida do grego e com a máxima fidelidade ao original»: «do conteúdo original, pouco - diria mesmo nada - se perdeu» (*Homero. Odisseia*, Cotovia, Lisboa, 2003, 7 e 9). Em entrevista (A. Caldeira e A. Buggio, «Entre rigor e criatividade ou os limites da tradução literária: entrevista com Frederico Lourenço», *Boletim de Estudos Clássicos* 53 (2010), 117-120), FL explica: «O que procurei fazer, contudo, foi manter o rigor da letra do texto original». Atente-se ainda no que se deixa subentender no elogio a Vasco Graça Moura: «O Vasco como tradutor era destemido, mas as liberdades que se arrogou assentavam num conhecimento concreto das línguas» (*O lugar...*, 225).

²⁷ «Contudo, quaisquer que sejam as opções que se façam, entendo que o verdadeiro perfume do texto perde-se sempre muito numa tradução, uma vez que esta nunca é igual ao original»: A. Caldeira e A. Buggio, «Entre rigor...», 53.

²⁸ *Amar não acaba*, 32-3.

²⁹ *Amar não acaba*, 55.

com quem se correspondeu durante quase um ano.³⁰ Dessa experiência ficou-lhe o hábito de pedir perdão aos animais antes de os comer³¹ e, quiçá, a semente para o deslumbramento com Schopenhauer (também ele um fascinado com o hinduísmo). Seria nesse mesmo ano que a sua mãe, com quem ficou a viver após o divórcio dos pais, participaria, por influência de António Alçada Baptista, num acampamento do movimento espiritual alternativo fundado por Lanza del Vasto, o qual passou a integrar,³² tendo inclusive recebido o fundador em sua casa. O poeta-pensador da Comunidade da Arca, comunidade que FL viria a visitar por duas vezes em França durante a adolescência, é, provavelmente, a figura mais importante para entender a configuração espiritual do autor,³³ o qual continua a recitar regularmente uma das orações daquele («o texto mais importante que me estrutura e me sustenta»³⁴), prece igualmente cara à mãe, outra personagem tutelar no desenvolvimento espiritual de FL.³⁵

No caminho de uma vivência plena da fé católica recebida interpôs-se a homossexualidade do autor,³⁶ de que este cedo tomou consciência. Não podendo o seu afastamento da fé ser assacado à sua orientação sexual, esta colocou-o numa situação de conflito

³⁰ «O jovem hindu», in *Amar não acaba*, 21-28.

³¹ Cf., a propósito do vegetarianismo espiritual do autor, «A Natureza, esse restaurante», in *O lugar...*, 76-9.

³² *Amar não acaba*, 58.

³³ «Noé», in *Amar não acaba*, 93-100. Seja-nos permitido destacar a seguinte frase que aí se lê: «Nunca, como na Arca, senti a presença de Deus tão perto do Aqui e Agora».

³⁴ *O lugar...*, 265.

³⁵ «Manuela (1)», in *O lugar...*, 157-9, e *Amar não acaba*, 105.

³⁶ *A máquina...*, 75: «O facto de a homossexualidade ser um empecilho reconhecido na vivência plena da fé católica...». Vd. ainda a entrevista concedida ao *Público* em 2010: «Desde os 20 anos que não estou solteiro, tive três longas relações encadeadas. Isso foi-me fazendo afastar da Igreja» (A. Lucas Coelho, «Eles são católicos, homossexuais e praticam», *Público* de 12 de Abril de 2010).

consciente com o magistério da Igreja (e o texto bíblico)³⁷. Acabou por lhe ser impossível permanecer no seio daquela sabendo que aí não era aceite no que entende ser a sua verdade.³⁸ Tal passo foi também motivado, contudo, pela crescente dúvida «sobre se aquilo que Deus, existindo, quer de nós é que nos afiliemos em organizações religiosas como são aquelas que mais poder e influência tiveram e têm no mundo».³⁹ Numa das suas crónicas do *Facebook*, crónica que, salvo erro, não foi integrada na compilação *O lugar supraceleste*, FL relembra uma frase do pai já nos seus últimos dias (citamos de memória): «Todas as religiões são falsas, só a religião é verdadeira». Ousamos dizer que, em larga medida, FL partilha, hoje, da opinião do pai.⁴⁰

De resto, os pronunciamentos do autor sobre Deus e a religião - e esse é um tema que claramente o inquieta, no melhor sentido do verbo: FL é tudo menos um dos «indiferentes» que hoje pululam⁴¹ - acham-se bastante em linha com uma certa mentalidade corrente que reduz a fé a uma realidade *privada* (de onde a desvalorização do elemento comunitário)⁴² e essencialmente *prática*.⁴³ FL adopta uma

³⁷ Cf. «Um problema de tradução em São Paulo», in *O livro...*, 47-50.

³⁸ «Mas estar inserido numa prática pública do catolicismo é uma mentira, porque a minha vida sexual não corresponde a essa personagem. Já não comungo desde 1998. Comecei a sentir o peso da contradição, e não pactuo com isso. Se não posso ser aceite exactamente como sou, então não faz sentido estar a representar um papel»: A. Lucas Coelho, «Eles são...».

³⁹ Entrevista a Frederico Lourenço por Rui Oliveira Marques, disponível em <<http://dezanove.pt/frederico-lourenco-as-grandes-religoes-1005527>>.

⁴⁰ Cf. «Utopia setecentista em Jerusalém», in *O lugar...*, 28-30, e *O livro...*, 121.

⁴¹ «Sou sensível (diria mesmo hipersensível) ao apelo do Divino»: *O livro...*, 13.

⁴² Em sentido contrário, vd. J. Ratzinger, *O caminho pascal*, Lucerna, São João do Estoril, 2016, 126: «O Homem pode, com todo o direito, chamar “Pai” a Deus, desde que se insira naquele “nós” em que o amor de Deus o procura. [...] Ninguém pode construir com a sua própria força a ponte sobre o infinito. Nenhuma voz humana é suficientemente forte para, só por si, chamar o infinito.»

⁴³ Cf. a figura do segundo eremita no §8 do prefácio do *Zarathustra* de Nietzsche e a sua interpretação por S. Rosen, *The mask of Enlightenment*, Yale University Press, New Haven-London, 2004, 69.

espécie de versão secular da ética cristã, identificando felicidade e altruísmo radical: «quanto menor o proveito para mim da acção por mim empreendida, mais me fará feliz»⁴⁴. Não se observa qualquer esforço consistente no sentido de fundar em argumentos tal moral, mas isso também não parece necessário: à sensibilidade moderna fala muito mais o sentimento do que a razão e um princípio ético como o citado necessariamente conquista, reflexo involuntário de dois mil anos de cristianismo. Um pouco ao jeito de G. Steiner⁴⁵ (que, curiosamente, nunca é convocado), é na experiência do Belo que FL mais intui a presença de Deus e a verdade de um Além⁴⁶: o último parágrafo de *O lugar supraceleste*, em torno da sonata op. 111 de Beethoven, é disso um testemunho potente, sendo difícil o leitor não se sentir arrebatado, bêbedo de luz. Não sabemos se a beleza salvará o mundo (como terá dito o Príncipe Myshkin de Dostoiévski, essa figura extrema de Cristo), mas terá de ser o Belo a salvar hoje a fé (como já havia percebido Urs von Balthasar).

3.2. Por último, um apontamento, necessariamente reduzido, sobre *O livro aberto* (2015), que compila um conjunto de textos sobre a Bíblia originalmente publicados pelo autor no *Facebook*. O que mais espanta o leitor católico é como FL importa para a exegese do texto sagrado o conceito reduzido de «letra» que já acima descobrimos operante na sua teoria da tradução. Para FL, os autores sagrados escreveram com a expectativa de serem lidos «à letra», o que aparentemente significa que nas suas palavras não podemos projectar qualquer outro sentido que não o denotativo: a reinterpretação joanina [Jo 3:14] do episódio mosaico da serpente de bronze [Nm

⁴⁴ *O lugar...*, 20. Cf. também a frase do rei de Toas comentada em «A perfeição do cristal», no mesmo volume de crónicas, e «A voz do noivo», in *O livro...*, 73-75.

⁴⁵ G. Steiner, *Presenças reais*, Presença, Lisboa, 1993 (trad.: Miguel Serras Pereira).

⁴⁶ «Paraíso», in *O lugar...*, 261-264. Vd. também *O livro...*, 83.

21:4-9] é apresentada como um exemplo da violência hermenêutica própria das leituras cristãs do Antigo Testamento.⁴⁷ FL não parece considerar com suficiente seriedade a possibilidade de uma dupla camada de leitura, uma vez adoptada a óptica do crente para quem o autor último do texto é Deus. Não esperaríamos que concordasse com esta última proposição, mas ao menos que reconhecesse que, para quem afirma a Escritura como divinamente inspirada, não é irracional identificar no texto dois níveis de leitura, em que o segundo (simbólico) não anula o primeiro (literal).⁴⁸ Pode dar-se o caso de sermos nós que estamos a interpretar de forma incorrecta as palavras de FL, mas tememos que o autor, de facto, peque por uma compreensão diminuída dos princípios da leitura crente: é sintomática, pela negativa, a sua discussão sobre a *Dei verbum*, cujo sentido e alcance lhe parecem fugir, algo manifesto na maneira como entende a Palavra de Deus a que aí se alude como as palavras que, na Bíblia, são atribuídas ao Pai, erro que é fruto, quiçá, de uma leitura demasiado literalista do documento conciliar.

Percebe-se que Maria, os santos e a ressurreição são, para FL, uma pedra de tropeço, algo talvez inevitável. Custa, porém, ver relegado para o âmbito do irracional a ressurreição,⁴⁹ sem atenção a essa distinção-chave em São Tomás entre o *racional* e o *razoável*, aquilo a que a razão, bem-conduzida, não pode senão assentir e aquilo que não a ofende, sem contudo a forçar à afirmação do que quer que seja. Do mesmo modo, esperar-se-ia da parte de FL

⁴⁷ «Ler a Bíblia», in *O livro...*, 22-23; veja-se ainda «A visão de Ezequiel» e «Sou negra - mas bela», na mesma obra (respectivamente, páginas 25-29 - *vd.* em particular pp. 26-27 - e 85-88).

⁴⁸ FL, ele sim, incorre no erro de que acusa os cristãos, ao reinterpretar Jo 14:19 sem reconhecer às palavras o seu sentido literal: *O livro...*, 126.

⁴⁹ *O livro...*, 122.

um entendimento mais aguçado do conteúdo cristológico em jogo na controvérsia nestoriana, à luz do qual ganha sentido a frase de João Mosco citada com perplexidade em «Um buraco na parede»⁵⁰. Estranham-se ainda certos erros como a referência ao Livro da Sabedoria como um texto que «não é considerado verdadeiramente canónico pelos católicos»⁵¹: o termo «deuterocanónico», aplicado ao Livro da Sabedoria e outros, serve apenas para designar os textos que não integram o cânone hebraico, não podendo o adjectivo ser interpretado à letra, como implicando que esses escritos são produto de uma inspiração divina de segunda ordem. O livro de FL possui, porém, vários méritos, constituindo uma idiossincrática, mas instrutiva, introdução à Bíblia, exigente para o leitor cristão, obrigando-o a educar-se para não resvalar para o marcionismo, ao ser confrontado com alguns dos passos mais ingratos do Antigo Testamento. O apêndice final, em particular, é uma demonstração soberana de como FL, com o seu superlativo domínio do grego, é capaz de alargar a nossa compreensão da Escritura: a sua abordagem filológica ao texto põe em evidência os sentidos ocultos e cruzados no original, escancarando-nos a inteligência, provando que «Deus, existindo, fez muito bem em escolher a língua grega para a divulgação da sua mensagem. Nenhuma outra torna essa mensagem mais clara, mais bela, mais rica de sentidos e de cores»⁵².

50 In *O livro...*, 25-29.

51 *O livro...*, 83.

52 *O livro...*, 136.

Publicações de Frederico Lourenço⁵³

1. Traduções, recriações poéticas(*) e adaptações infanto-juvenis
(1993), *Eurípides. Hipólito*. Colibri, Lisboa.
2ª edição revista: (2010), *Eurípides. Hipólito*. FESTEIA, Coimbra.
(1994), *Eurípides. Íon*. Colibri, Lisboa.
(2003), *Homero. Odisseia*. Cotovia, Lisboa.
(2005), *Homero. Ilíada*. Cotovia, Lisboa.
(2005), *A Odisseia de Homero adaptada para jovens*. Cotovia, Lisboa.
(2006), *Poesia grega de Álcman a Teócrito*. Cotovia, Lisboa.
(2006), *Sófocles. Filoctetes*. Cotovia, Lisboa.*
(2008), *Friedrich Schiller. Don Carlos, Infante de Espanha: poema dramático*. Cotovia, Lisboa.*
(2011), *Arthur Schnitzler. A cacatua verde: grotesco num acto*. Bicho do Mato, Lisboa.
(2016), *Bíblia. Vol. 1: Novo Testamento. Os quatro Evangelhos*. Quetzal, Lisboa.
2. Prosa
(2002), *Pode um desejo imenso*. Cotovia, Lisboa.
(2002), *O curso das estrelas*. Cotovia, Lisboa.
(2003), *À beira do mundo*. Cotovia, Lisboa.

53 Não incluímos nesta listagem nem os prefácios redigidos por FL para textos de outros nem o que, embora da sua autoria, não se acha editado em livro (de onde não constar da lista a sua recriação da *Ifigénia na Táurida* de Goethe). Há muito de provisório na categorização proposta das obras: o próprio FL tem vindo, de livro para livro, a reclassificar a sua produção (E. Ribeiro, *Escritas...*, 78), em virtude de «uma proximidade cada vez mais estreita entre regimes textuais e discursivos diversos» (idem, 42).

reunidos num só volume em (2006), *Pode um desejo imenso*. Cotovia, Lisboa.

(2005), *A formosa pintura do mundo*. Cotovia, Lisboa.

(2007), *Caracteres*. Cotovia, Lisboa.

2.1. Prosa autobiográfica

(2004), *Amar não acaba*. Cotovia, Lisboa.

(2006), *A máquina do arcanjo*. Cotovia, Lisboa.

3. Poesia

(2010), *Santo Asinha e outros poemas*. Caminho, Alfragide.

(2011), *Clara suspeita de luz*. Caminho, Alfragide.

4. Crónicas e ensaios

(2004), *Grécia revisitada: ensaios sobre cultura grega*. Cotovia, Lisboa.

(2007), *Valsas nobres e sentimentais*. Cotovia, Lisboa.

(2008), *Novos ensaios helénicos e alemães*. Cotovia, Lisboa.

(2014), *Estética da dança clássica*. Cotovia, Lisboa.

(2015), *O lugar supraceleste e outras meditações*. Cotovia, Lisboa.

(2015), *O livro aberto: leituras da Bíblia*. Cotovia, Lisboa.

5. Folhas da Cinemateca

aa. vv. (1996), *Federico Fellini*. Cinemateca Portuguesa, Lisboa.

aa. vv. (1999), *Frank Capra*. Cinemateca Portuguesa, Lisboa.

aa. vv. (2000), *Ernst Lubitsch*. Cinemateca Portuguesa, Lisboa.

aa. vv. (2004), *Orson Welles*. Cinemateca Portuguesa, Lisboa.

aa. vv. (2006), *Howard Hawks*. Cinemateca Portuguesa, Lisboa.

6. Obra académica⁵⁴

(1999), *Euripidean lyric: metre and textual tradition*. Tese de doutoramento em Literatura Grega apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, publicada como

(2011), *The lyric metres of Euripidean drama*. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra.

(2011), «A “cloud of metaphysics” in Pindar: the opening of *Ne-meän 6*». *Humanitas* 63, 61-73.

(2011), «Schopenhauer e a metafísica da música». *Revista de História das Ideias* 32, 131-150.

(2012), «A *Fedra* de Eurípides e a sintomatologia da paixão», in C. Jesus, C. Castro Filho e J. Ribeiro Ferreira (coords.), *Hipólito e Fedra: nos caminhos de um mito*. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 31-44.

(2012), «A imagética do corpo nos bailados de Frederick Ashton». *Revista de História das Ideias* 33, 57-80.

(2013), «Palavras “arrastadas” na lírica euripidiana». *Boletim de estudos clássicos* 58, 121-125.

⁵⁴ Para lá da tese de doutoramento, elencam-se aqui apenas os cinco trabalhos mais recentes de FL, em jeito de amostra da produção científica do autor. Não se levaram em consideração as outras obras.